

2021

n.º 10

Abriu

Estudos de textualidade do Brasil,
Galícia e Portugal

PARA ALÉM DA NAÇÃO? OUTRAS 'DECLINAÇÕES'
NAS LITERATURAS AFRICANAS



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

ABRIU: ESTUDOS DE TEXTUALIDADE DO BRASIL, GALICIA E PORTUGAL is an annual scientific journal edited by Estudis Gallecs i Portuguesos, Universitat de Barcelona, and Cátedra José Saramago / CLP Instituto Camões, Universitat Autònoma de Barcelona. Its goal is to offer the academic community a space for debating textuality (literature, films, scenic arts, music...) in the frame of Brazilian, Galician and Portuguese studies with a plural methodological approach. Each issue consists of a monograph, along with miscellaneous articles, an open space and book reviews. It is recognized by the University of Barcelona and it is published simultaneously in print and electronically with free access (<https://revistes.ub.edu/Abriu>).

EDITORS

María Xesús Lama López (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Jordi Cerdà Subirachs (*Universitat Autònoma de Barcelona, Spain*)

EDITORIAL BOARD

Pere Comellas (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Helena González Fernández (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Elena Losada (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Antonio Maura (*Academia Brasileira de Letras, Brazil*)

Isabel Soler (*Universitat de Barcelona, Spain*)

Maria de Lourdes Pereira (*Universitat de les Illes Balears, Spain*)

Ignacio Vázquez (*Universidade da Beira Interior, Portugal*)

COPY EDITOR FOR ENGLISH

Andrea Ruthven (*Universitat de les Illes Balears, Spain*)

ASSISTANT EDITOR

Gonzalo Hermo

SCIENTIFIC COMMITTEE

Maria Fernanda Abreu (*Universidade Nova de Lisboa, Portugal*)

Burghard Baltrusch (*Universidade de Vigo, Spain*)

Arturo Casas (*Universidade de Santiago de Compostela, Spain*)

José Colmeiro (*The University of Auckland, New Zealand*)

Catherine Davies (*University of London, United Kingdom*)

António Apolinário Lourenço (*Universidade de Coimbra, Portugal*)

Luís Augusto Fischer (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil*)

Mauri Furlan (*Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil*)

Helena Miguélez-Carballeira (*Bangor University, United Kingdom*)

Javier Gómez-Montero (*Universität Kiel, Germany*)

Carlos Paulo Martínez-Pereiro (*Universidade da Coruña, Spain*)

Cláudia Pazos-Alonso (*University of Oxford, United Kingdom*)

Isabel Pires de Lima (*Universidade do Porto, Portugal*)

Carlo Pulsoni (*Università di Padova, Italy*)

Dolores Vilavedra (*Universidade de Santiago de Compostela, Spain*)

2021

n.º 10

Abriu

Estudos de textualidade do Brasil,
Galícia e Portugal

PARA ALÉM DA NAÇÃO? OUTRAS 'DECLINAÇÕES'
NAS LITERATURAS AFRICANAS



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Edicions



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Estudis Gallecs i Portuguesos



CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

José Saramago CÁTEDRA

TABLE OF CONTENTS

MONOGRAPH.
PARA ALÉM DA NAÇÃO? OUTRAS ‘DECLINAÇÕES’
NAS LITERATURAS AFRICANAS
Issue Editor: Jessica Falconi

Declinações da Nação nas literaturas africanas de língua portuguesa <i>Jessica Falconi</i>	9
Deolinda Rodrigues: entre a escrita da história e a escrita biográfica. Recepção de uma guerrilheira e intelectual angolana <i>Noemi Alfieri</i>	39
Sobre os tempos de transição – escrita ética em <i>Crónica da Rua 513.2</i> de João Paulo Borges Coelho e em <i>Disgrace</i> de J.M. Coetzee <i>Marta Banasiak</i>	59
Oil curse: narrating conflict and development in São Tomé and Príncipe <i>Kamila Krakowska Rodrigues</i>	81
Para além da nação: uma viagem pelos imaginários poéticos de Eduardo White <i>Giulia Spinuzza</i>	99
DecliNation of semantic spaces in <i>As duas sombras do rio</i> by João Paulo Borges Coelho <i>Doris Wieser</i>	117

MISCELLANY

Rosalía, lugar de memoria <i>Dolores Vilavedra Fernández</i>	143
Nós/outras e Galiza para Annette Meakin <i>Mariám Mariño Costales</i>	167
Literary festivals and new tendencies in the Portuguese literary field <i>Cristina Martínez Tejero</i>	195
Vermelho encarnado: diálogos entre Lúzia Romão e Lupe Gómez <i>Suzi Sperber, Pilar Lago e Lousa</i>	221

OPEN SPACE

Unhas traducións non recompiladas de Ramón Cabanillas <i>Xesús González Gómez</i>	247
O non nato <i>Sempre en Galiza</i> de Castelao en Librouro (1975) <i>Alex Alonso Nogueira</i>	263

REVIEWS

Unha reedición monumental dunha obra monumental: os vinte anos de <i>m-Talá</i> , de Chus Pato	289
<i>Antón Blanco Casás</i>	
Catalunya, Ibèria i Europa: emergències nacionals <i>Jesús Revelles</i>	293
Um certo sentido de deriva <i>Maria de Lourdes dos Anjos Marqués Pereira</i>	299
L'esquer que pesca el misteri <i>Elena Losada Soler</i>	303
CALL FOR PAPERS	309
AUTHOR GUIDELINES	311

MONOGRAPH

PARA ALÉM DA NAÇÃO? OUTRAS 'DECLINAÇÕES'
NAS LITERATURAS AFRICANAS

Issue Editor: Jessica Falconi

DECLINAÇÕES DA NAÇÃO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

JESSICA FALCONI

CEsA-Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento
Universidade de Lisboa

RESUMO: O artigo traça a evolução da perspetiva nacional nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa desde a década de 1980 até ao presente. Com base numa seleção de publicações coletivas e individuais, bem como assinalando eventos académicos marcantes para a área, o artigo procura identificar linhas de continuidade e momentos de rutura na abordagem destas literaturas baseada na ideia de Nação enquanto categoria crítica e unidade de análise, desde a consolidação do laço entre literatura e independência nacional, afirmado após a descolonização, até à receção das teorias pós-coloniais ocorridas em meados da década de 1990. Debruçando-se também sobre as articulações teóricas e disciplinares entre Literatura Africanas, Estudos Pós-coloniais, Estudos do Oceano Índico e Literaturas Comparadas, o artigo proporciona um possível mapeamento dos enfoques mais recentes que procuram construir novas cartografias críticas para os estudos destas literaturas.

PALAVRAS CHAVE: Literaturas africanas de língua portuguesa; Nação; Teoria pós-colonial; Literaturas Comparadas.

BEYOND NATION? OTHER “DECLENSIONS” IN AFRICAN LITERATURES

ABSTRACT: The article traces the evolution of the national perspective in the studies of Lusophone African Literatures from the 1980s to the present. Based on a selection of collective and individual publications, as well as highlighting important academic events for the area, the article seeks to identify lines of continuity and moments of rupture in the approach of these literatures based on the idea of Nation as a critical category and unity of analysis, from the consolidation of the link between literature and national independence affirmed after decolonization until the reception of post-colonial theories which occurred in the mid-1990s. Also, the article looks at the theoretical and disciplinary articulations between African Literature, Postcolonial Studies, Indian Ocean Studies and Comparative Literatures, to provide a possible mapping of the most recent approaches that seek to build new critical cartographies for the studies of these literatures.

KEYWORDS: Lusophone African literature; nation; postcolonial theory; comparative literatures.

Nas últimas duas décadas, as literaturas africanas de língua portuguesa, enquanto campo de indagação crítica e objeto de estudo acadêmico,¹ têm vindo a conhecer uma grande expansão, com inúmeras dissertações, monografias, atas de conferências, números especiais de revistas e artigos produzidos em diversos países. Questões nucleares, tais como a construção dos cânones nacionais e internacionais destas literaturas; a identificação dos circuitos da sua circulação e receção, bem como, e sobretudo, a adequação e formulação de paradigmas e recursos teórico-críticos para a sua abordagem têm marcado todo o ciclo de existência desta área de estudos, continuando a constituir elementos de preocupação e reflexão para sucessivas gerações de investigadores. Entre estas questões, o tópico da Nação e os seus correlatos — literatura nacional, nacionalidade literária, sistema literário nacional, etc. — têm ocupado um lugar de destaque. Assim, a palavra «decliNações», contida no título do número monográfico da revista *Abriu* que se apresenta, dá conta deste lugar de destaque, ao passo que encerra, voluntariamente, alguma ambiguidade quanto ao(s) objeto(s) e à(s) perspectiva(s) concretamente convocadas nesta reflexão e nos artigos aqui reunidos. Procurarei esclarecer esta ambiguidade, assumindo, contudo, os múltiplos sentidos

¹ Cabe logo esclarecer que me refiro a uma área de investigação que não coincide necessariamente com a institucionalização curricular *strictu sensu* nas universidades onde estas literaturas são objeto de estudo. Um enfoque estritamente curricular e nacional — isto é, uma vinculação rígida do campo da crítica académica a planos de estudos e polos universitários deixaria de fora práticas de investigação marcadas pela transnacionalidade que, sobretudo na atualidade, vão adquirindo cada vez mais relevância. A formação e atual afiliação institucional das autoras dos artigos reunidos neste dossiê é um exemplo flagrante das dinâmicas transnacionais de mobilidade académica. Por outro lado, cabe referir que a institucionalização curricular das literaturas africanas de língua portuguesa tem vindo a dar-se de forma extremamente diversa em Portugal, Moçambique (Leite 2003a), Angola (Kandjimbo 2015), no Brasil (Padilha 2010) e em outras universidades.

da palavra como fios condutores e elementos norteadores da revisão/reflexão crítica proposta, cujo objetivo último é fornecer um mapeamento, ainda que parcial e provisório, de «decliNações» relevantes desta área de estudos. Mireille Rosello utiliza a palavra «declinações» e o verbo declinar (em inglês — *declensions; to decline*) para discutir os estereótipos raciais, étnicos e nacionais em contextos culturais francófonos. Trata-se, como é evidente, de tópicos e objetivos bastante distintos dos que focarei neste artigo. No entanto, cabe reter as potencialidades semânticas que Rosello assinala, ao lembrar que as «declinações» podem ser consideradas «as an interesting combination of fixed roots and variable endings» (1998: 10). Ao transpormos estas considerações para o campo focado neste artigo, poderemos entender as «decliNações» das literaturas africanas de língua portuguesa como as múltiplas formas de se equacionar o papel da Nação enquanto categoria de análise resiliente, quase que uma raiz fixa que se associa a múltiplas terminações (*variable endings*).

Tendo em conta a amplitude e complexidade do tema, este artigo procura realçar linhas de força e pontos de rutura, apontando também para questões e tendências emergentes, representadas pelos artigos incluídos no presente número monográfico. O corpus observado para a identificação de tais linhas constou de uma seleção de publicações coletivas e individuais de caráter teórico-crítico e de pendor sistematizante produzidas entre as décadas de 1980 e a atualidade.

DECLINAÇÕES NACIONAIS

Em primeiro lugar, nas páginas que se seguem, abordarei a «decliNação» do paradigma nacional enquanto perspetiva fundadora da legitimação académica e da consolidação do campo crítico relacionado com a produção literária dos países africanos de língua portuguesa. De facto, na primeira fase da sua existência, esta área de estudos encontrou na categoria de Nação uma unidade de análise privilegiada, sendo as ideias de Nação e de identidade nacional, bem como os processos cul-

turais e políticos das independências nacionais, os horizontes, os temas e os compromissos mais explorados pelos estudos desta produção em língua portuguesa. Se considerarmos a década de 1980 como momento chave de legitimação e internacionalização da área e, logo, ponto de partida para uma perspetivação diacrônica das abordagens mais consolidadas, cabe logo assinalar que as «decliNações» da Nação enquanto categoria de análise, e o seu papel na estruturação do campo crítico, constituem um aspeto central que ainda atualmente é debatido, tendo atravessado aproximadamente 40 anos de reflexão teórico-crítica em torno destas literaturas.

Remonta a 1984, isto é, dez anos depois da Revolução dos Cravos do 25 de Abril e onze anos depois da primeira independência africana de Portugal — a da Guiné-Bissau, declarada em 1973 — aquela que pode ser considerada uma «decliNação» seminal da Nação enquanto tema e enfoque no domínio das literaturas africanas em língua portuguesa. Refiro-me ao Colóquio Internacional intitulado *Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise. A la recherche de l'identité individuelle et nationale* (Abdala Jr 1985), que teve lugar na sede da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris e reuniu, sob organização de Manuel Ferreira e Jean Michel Massa, estudiosos, escritores, representantes de instituições e associações, e figuras diplomáticas de diferentes países. Para se perspetivar a importância do Colóquio, é de salientar também que, em meados da década de 1990, este era tido ainda como o maior evento dedicado às cinco literaturas dos países africanos de língua portuguesa (Laranjeira 1995: 116).

Como o título do Colóquio realçava, procurava-se refletir sobre, e de certo modo articular, dois aspetos centrais da construção identitária nas literaturas africanas, isto é, o nível individual e o coletivo, sendo este último explícita e exclusivamente identificado com a Nação, entendida como realidade político-cultural resultante das lutas de libertação nacionais travadas contra a dominação colonial portuguesa. A este propósito, a alocação de abertura de Manuel Ferreira, ao utilizar um conjunto de termos quais «ascensão», «luta», «recusa», «reivindicação», «intervenção», é especialmente significativa no que diz respeito à

vinculação das literaturas africanas, consideradas no seu conjunto, ao espírito da luta e da afirmação da autonomia próprio da dimensão política. É significativo que este espírito investia também o campo dos estudos críticos, numa articulação entre os planos nacional e internacional, já que no discurso do autor, as literaturas africanas de expressão portuguesa surgiam como protagonistas heroicas de um processo de afirmação, favorecido pelo engajamento de diversos agentes, no domínio académico e na esfera cultural internacionais.² Por outras palavras, na alocução de Ferreira, o domínio das literaturas africanas — tanto a produção literária em si, quanto a crítica que a abordava — encontrava-se investido de um espírito de luta e engajamento que espelhava, direta e indiretamente, os processos políticos das independências nacionais. Assim, a relação entre literatura e compromisso esteve no cerne de uma parte significativa das intervenções, igualmente marcadas por palavras chave, tais como resistência, revolução, autonomia, libertação, afirmação, etc. Em sintonia com este léxico *engagé*, também as opções, quanto a autores e obras a abordar, apontavam para um cânone literário fortemente marcado pelo compromisso político e ideológico com os projetos de denúncia da opressão colonial e de construção da Nação: de facto, destacam entre os autores mais abordados Luandino Vieira, Pepetela, Viriato da Cruz, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Amílcar Cabral, cuja obra foi analisada também em articulação com os conceitos de angolanidade, moçambicanidade, cabo-verdianidade, etc. Trata-se de conceitos não consensuais que, de facto, ao longo do tempo estiveram no cerne de várias polémicas em torno da definição das na-

² «Mas elas, as literaturas africanas de expressão portuguesa, furtando-se aos golpes vários e fortalecendo-se, dia a dia, ano a ano, na envolveria da clandestinidade ou de uma forte confidencialidade textual, lograram ultrapassar esse pretendido estrangulamento. E quando souu a hora da independência nacional dos países africanos de língua portuguesa, elas ocuparam, por direito próprio, o seu lugar de honra na festa nacional. E até hoje, apesar de tanta dificuldade de natureza vária, não mais deixaram de se impor dentro e fora das fronteiras nacionais» (Ferreira 1985: 31).

cionalidades literárias e, logo, dos cânones nacionais das literaturas africanas. Tomando o caso de Moçambique como exemplo, cabe lembrar que a década de 1980 foi marcada pela publicação, na imprensa literária e cultural, de diversos artigos que procuraram definir o conceito de moçambicanidade e associá-lo a autores e obras paradigmáticas de uma estética autenticamente moçambicana (Basto 2006; 2008). No entanto, a partir da década de 1990, as definições das nacionalidades literárias tornaram-se, de modo geral, mais inclusivas, de modo a «acomodar» instâncias e manifestações de identidades literárias diversificadas e alargar os cânones nacionais.

No Colóquio, a relação entre literatura e compromisso, bem como o conceito de Nação e de autonomia nacional, constituíram o quadro de referência de contribuições de pendor mais sistematizante, como a intervenção de Fernando Mourão, crítico brasileiro e antigo sócio da Casa dos Estudantes do Império, que abordou a questão da denominação das literaturas africanas a partir da noção de autonomia disciplinar (Mourão 1985: 121-131), ou a de Alfredo Margarido, centrada nas dificuldades de construção das histórias literárias africanas (Margarido 1985: 513-521). Como procurei demonstrar num trabalho anterior (Falconi 2013), a contribuição de Margarido, tal como outras reflexões da mesma década, nomeadamente, a de Manuel Ferreira (1989) e de Pires Laranjeira (1989), revelam a receção e a adequação ao caso das literaturas das ex-colónias portuguesas em África, do «panorama em três tempos» esboçado por Franz Fanon ([1961] 1968) para equacionar o surgimento e a evolução do fenómeno literário e dos conceitos de literatura e cultura nacionais nas sociedades colonizadas. Cabe lembrar, ainda que brevemente, que a periodização fanoniana articulava-se em três fases, a saber: 1. o chamado «período assimilacionista integral», em que a produção literária dos colonizados se funda na inspiração europeia e nas correntes da literatura metropolitana; 2. O «mergulho» na autenticidade nativa e a recuperação do património cultural pré-colonial com vista à legitimação da cultura nacional do presente e do futuro; 3. a assunção de uma cultura nacional e, logo, o surgimento da «literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional» (Fanon [1961] 1968: 184-

185). A cultura nacional surgia, na análise de Fanon, como horizonte necessário para a historicização das culturas africanas e como espaço essencialmente performativo da des-racialização e da descolonização.³ De salientar que, em relação às literaturas africanas das ex-colónias portuguesas em África, já em 1975, a reflexão do intelectual e ativista angolano Mário Pinto de Andrade, surgida e desenvolvida no domínio extra-acadêmico desde a década de 1950, apresentava uma versão semelhante ao panorama desenhado por Fanon. Na periodização da evolução da chamada «moderna poesia africana» proposta por Andrade, estava ausente a fase tida como «assimilacionista» por Fanon, e passava-se a identificar uma primeira fase em que emergia a poesia inspirada pelo movimento da negritude; uma segunda fase de «alargamento e ultrapassagem da negritude», constituindo «o momento da particularização»,⁴ isto é, a assunção de «contornos nacionais», em que a negritude se revelava insuficiente para a expressão estético-ideológica dos diferentes contextos socioculturais em luta; e, finalmente, uma terceira fase, marcada pela aparição de uma poesia nacional e revolucionária, em que o fazer poético estava intimamente comprometido com as aspirações do povo e dos movimentos de libertação (Andrade 2011[1975]: 190-192).

O «panorama em três tempos» esboçado por Fanon, bem como a periodização formulada por Pinto de Andrade, tiveram larga influência na estruturação das propostas de periodização histórico-literária, elaboradas na década de 1980 e fundadas numa visão teleológica e «heroica»

³ «A cultura nacional é o conjunto dos esforços feitos por um povo no plano do pensamento para descrever, justificar e cantar a ação através da qual o povo se constituiu e se manteve» (Fanon [1961] 1968: 194).

⁴ A noção de «particularização» de Pinto de Andrade dialoga claramente com a ideia de «vontade particularizante» identificada por Fanon na literatura dos colonizados («volonté particularisante») e expressa no texto da conferência pronunciada ao Segundo Congresso dos Escritores e Artistas Negros que teve lugar em Roma em 1959, em que Andrade também esteve presente. O texto —«Fondement réciproque de la culture nationale et des luttes de libération» — foi publicado em 1959 na revista *Présence Africaine* (com a qual Andrade teve uma colaboração direta como secretário de redação) e incluído em *Os condenados da terra*.

do percurso de afirmação da cultura nacional em oposição àquela colonial. Esta influência exerceu-se também em abordagens posteriores de outros estudiosos das culturas dos países africanos de língua portuguesa, os quais, ao mesmo tempo, reconheciam a necessidade de produzir visões mais complexas e menos «lineares» da evolução literária, apesar de baseadas na categoria da Nação. É o caso, entre outros, do historiador Patrick Chabal, que se dedicou também ao enquadramento das literaturas africanas, «entendendo-as como literaturas profundamente ligada aos processos políticos» (Ribeiro e Rothwell 2020: 12). Chabal retomou o modelo fanoniano para enquadrar a literatura produzida em Moçambique, na introdução à coletânea de depoimentos de escritores por ele editada em 1994. Tal como fizeram outros estudiosos, Chabal introduziu os ajustes e as atualizações necessárias, e mais consentâneas ao caso das literaturas das cinco ex-colónias de Portugal em África, identificando quatro fases de evolução, a saber: a assimilação, mais claramente alusiva à primeira fase assinalada por Fanon, em que ainda não se configura nenhum tipo de «autonomia» ou «independência» face aos modelos culturais e literários metropolitanos; a fase da resistência, em que a literatura «andou de mão em mão com o nacionalismo e a luta pela independência» (Chabal 1994: 24); a fase da afirmação, em que, uma vez atingida a independência nacional, os escritores se preocuparam com consolidar o seu lugar na cultura nacional, e a última fase de consolidação, coincidindo com o presente da publicação, em que a dimensão especificamente nacional se dilui em preocupações e temáticas gerais.

A convocação destes exemplos leva a concluir que a receção e a apropriação do modelo de evolução literária traçado por Fanon configurou uma «decliNação» relevante, e até dominante, da categoria da Nação, bem como da relação entre literatura e compromisso, nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa. O processo de emergência da cultura nacional analisado por Fanon traduziu-se no esforço crítico de «particularização» (Andrade 2011) e «singularização» (Rosário 2007) em perspetiva nacional de cada uma das cinco literaturas. Tal esforço constituiu o principal objetivo crítico, científico e disciplinar das

primeiras fases de legitimação e consolidação desta área de estudos, logo a seguir às independências nacionais. De facto, o intuito geral do colóquio de 1984 coadunou-se com este objetivo, já que, como explicitado na alocução introdutória de Manuel Ferreira e na orientação metodológica apresentada por Jean Michel Massa, a organização visou excluir abordagens de cariz comparatista, tanto no que se referia à comparação com as literaturas escritas de outros países — africanos e outros — quanto em relação a outras formas de expressão cultural, tal como, por exemplo, a literatura de expressão oral. Assim, o objetivo principal dos trabalhos era salientar a originalidade e a autonomia das escritas literárias dos «cinco», procurando um equilíbrio entre a discussão de questões comuns e o escrutínio das diferenças e especificidades de cada país e sua respetiva literatura escrita. Esta opção, refletida na divisão por país no volume de atas, pretendia contribuir para o processo de singularização — e dignificação — de cada literatura, realizando-se através de um recurso mais sistemático a ferramentas próprias dos estudos literários, no intuito também de equacionar de forma distinta o peso da dimensão político-ideológica. Trata-se de um processo que, de facto, marcou as décadas posteriores, norteando-se pela reflexão teórico-crítica sobre as especificidades históricas, políticas, sociais e culturais dos territórios em foco e sobre as dinâmicas de estruturação de sistemas literários nacionais, distintos e autônomos, não apenas em relação à ex-metrópole, como também entre eles. Inocência Mata alude à primeira fase deste processo falando de «uma quase obsessão de estudo interno, longe de uma abordagem comparatista que, quando existia, se restringia aos *corpora* das literaturas dos Cinco» (Mata 2013: 108). Cabe realçar, no entanto, que tal processo não deixava de estar vinculado e declinado também de acordo com as circunstâncias concretas da institucionalização da área, tal como acontecia em universidades portuguesas e brasileiras e num conjunto de outras universidades situadas fora dos países africanos em questão — nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, etc. Por outras palavras, o processo de «singularização» coadunava-se também com um imperativo de descolonização disciplinar e epistemológica em que a categoria de Nação — coincidindo com